

do Rio Grande do Sul. Desta forma, foi obtida a casuística dos pacientes do SEMEDFEL quanto à idade, sexo e resultado para o teste de imunodeficiência viral felina (FIV) e leucemia viral felina (FeLV). Adicionalmente, os casos clínicos foram divididos por sistema, conforme a enfermidade diagnosticada. A casuística foi baseada no número de diagnósticos (presuntivo ou definitivo) e não no número de animais. Dos 158 animais atendidos, 21 eram hígdios, dez submetidos à imunoprofilaxia, nove à avaliação médica de rotina e dois à consulta pediátrica. A média de idade dos animais atendidos foi de 6,64 anos, sendo 44% machos castrados, 43% fêmeas castradas, 14% e 9%, fêmeas e machos não castrados, respectivamente. Entre os animais atendidos, 45 foram submetidos à pesquisa de anticorpos contra o vírus da FIV e antígenos da FeLV ao exame sorológico (FIV – FeLV *snap* combo, IDEXX, ME, USA). Dezoito animais apresentaram sorologia positiva para a FeLV, sete apresentaram sorologia positiva para FIV, três foram sorologicamente positivos para FIV e FeLV e 24 foram negativos para ambos os vírus. Quanto ao sistema acometido, 30% dos pacientes apresentaram afecções do trato gastrointestinal, 18% do sistema gênito-urinário, 17% do sistema imunológico, 15% do sistema cardiorrespiratório, 6% do sistema endócrino, 5% do sistema tegumentar, 4% do sistema ocular, 3% do sistema reprodutor e 1% dos sistemas músculo-esquelético e neurológico. O complexo gengivoestomatite e a FeLV foram as afecções de maior incidência, ambas foram diagnosticadas em 18 animais. Sugere-se que a maior parte dos gatos com complexo gengivoestomatite seja portador de calicivirus. Além disso, de acordo com alguns relatos, há maior gravidade das lesões em gatos coinfectados por FeLV e FIV. Tanto o calicivirus como o vírus da FeLV, apresentam alta prevalência em abrigos e em animais com histórico de acesso à rua. Portanto, provavelmente o complexo gengivoestomatite e a FeLV foram as afecções maior incidência devido à origem dos animais atendidos pelo SEMEDFEL.

Palavras-chave: casuística, incidência, gatos.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-263

ESTUDO SOBRE A MENSURAÇÃO INDIRETA DA PRESSÃO ARTERIAL PELO MÉTODO DOPPLER ULTRASSÔNICO EM CÃES DA RAÇA TECKEL

Danielle de Moura Bastos Santos¹; Aline Quintela²; Débora Passos Hinojosa Schaffer³; Talita dos Santos Lima⁴

Programa de Pós-graduação em Ciência Animal nos Trópicos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: debi_schaffer@yahoo.com.br

A pressão arterial, produto da resistência periférica total e do débito cardíaco, pode variar de acordo com a raça, idade e sexo tanto em animais hígdios quanto nos enfermos. A pressão arterial sistólica (PAS) em animais de pequeno porte normal é de 110 a 120 mmHg, e pode variar de 10 a 20 mmHg a depender do método de mensuração utilizado. A mensuração indireta com o método doppler ultrassônico é recomendado para rotina clínica sendo considerado de baixo custo e fácil manuseio. O presente trabalho avaliou a pressão arterial e padronizou valores de PAS para cães da raça Teckel Pêlo curto. Foram avaliados treze cães (n=13) da raça Teckel Pêlo Curto, machos e fêmeas, adultos e clinicamente sadios. Para mensuração da pressão arterial, os animais foram posicionados em decúbito lateral esquerdo. A tricotomia da região palmar do membro anterior direito, acima dos coxins foi realizada para o correto posicionamento do transdutor do doppler ultrassônico associado ao gel condutor para localização do pulso audível. A escolha do tamanho da braçadeira (manguito) foi obtida pela largura de aproximadamente 40% da

circunferência do membro. Com o transdutor e a braçadeira posicionados e após a localização do som do pulso, a braçadeira foi insuflada com auxílio de pèra de látex até o desaparecimento do som. Em seguida, manguito foi desinflado lentamente até a detecção do primeiro som audível, considerando o valor obtido no manômetro, a pressão arterial sistólica. Realizou-se esse procedimento por sete vezes consecutivas, excluindo-se o maior e menor valor para calcular a média. Houve variação entre 170 a 200 mmHg. A média e a mediana da PAS obtida foi de 170 mmHg, considerada moderadamente elevada em relação aos valores de referência para a espécie (110 a 120 mmHg). Em relação ao sexo, as fêmeas apresentaram valores de PAS mais elevados. Os animais com sobrepeso apresentaram aumento não significativo da PAS. Em cães da raça Teckel a pressão arterial mais elevada pode ser encontrada devido ao seu comportamento de cães de caça. Apesar da obesidade ser um fator que eleva a pressão arterial, no presente trabalho os cães com sobrepeso não apresentam alterações significantivas. A padronização da pressão arterial é bastante importante, pois existe diferença de valores para cada raça canina.

Palavras-chave: Hipotensão, hipertensão, resistência vascular periférica, dachshund

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-264

EVOLUÇÃO CLÍNICA DE UM CÃO PORTADOR DE CARCINOMA FOLICULAR TIREOIDIANO, SUBMETIDO À TIROIDECTOMIA BILATERAL: RELATO DE UM CASO

Rafael Cerântola Siqueira¹; Inajara Nakamura Hirota¹; Cláudia Sampaio Fonseca Repetti²; Rodrigo Prevedello Franco²; Alessandre Hataka

¹MV Residentes da Clínica-Cirúrgica de Pequenos Animais da Universidade de Marília, ²Docentes do curso de medicina Veterinária da Universidade de Marília. E-mail: inajara_nhirota@hotmail.com

O carcinoma folicular é uma das neoplasias tireoidianas com maior ocorrência em cães e gatos, predispondo acometer raças caninas de grande e médio porte, com idades entre nove a dez anos. A excisão cirúrgica e a quimioterapia são as terapias indicadas, com riscos de recidiva tumoral e hipotireoidismo secundário, posteriormente a tireoidectomia. O presente trabalho relata a evolução clínica e avaliação cardiológica de um cão portador de carcinoma folicular tireoidiano submetido à tireoidectomia bilateral, com reposição hormonal por doze meses. Para isso, foi atendido um canino macho, de seis anos, com 28Kg e sem raça definida, apresentando aumento de volume em região cervical medial ventral, com evolução clínica de 15 dias. Ao exame físico os parâmetros clínicos estavam normais, com a presença do aumento de volume em região cervical ventral, medindo 10 cm de diâmetro, aderido, firme, não ulcerado e ausente de dor a palpação. Posteriormente, foram realizados exames hematológicos, bioquímicos séricos, a dosagem do T4 livre por diálise e hormônio estimulante tireoidiano (TSH), que apresentaram valores dentro da normalidade. A citologia aspirativa por agulha fina do nódulo sugeriu carcinoma folicular tireoidiano; com a confirmação por meio da histopatologia, posteriormente a tireoidectomia unilateral. Com trinta dias de pós-cirúrgico, foi realizada avaliação clínica e laboratorial, previamente a tireoidectomia contralateral, evidenciando-se o hipotireoidismo secundário com a prescrição da levotiroxina (20 mcg/kg/bid) via oral. Aos quinze dias da tireoidectomia bilateral e sem tratamento quimioterápico, o animal apresentou sinais clínicos neurológicos centrais devido à hipocalcemia sérica, com o aumento na dosagem da levotiroxina e adição do cálcio (684mg/dia) via oral. Após 12 meses, o animal encontra-se assintomático, não ocorreram metástases abdominais e não foram observadas alterações nos valores hematológico,

bioquímicos séricos e hormonal tireoidiano. Com avaliação radiográfica torácica não foi evidenciada cardiomegalia ou metástase pulmonar, o eletrocardiograma apresentou ritmo sinusal, a ecodopplercardiografia evidenciou hipertrofia septal ventricular, sem disfunção sistólica e presença da disfunção diastólica ventricular esquerda, confirmada no Doppler tecidual miocárdio. Portanto, a tiroidectomia bilateral e reposição hormonal foram bem sucedidas não havendo comprometimento da função sistólica ventricular e metástase até o momento.

Palavras-chave: Carcinoma Folicular, tireoide, canino.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-265

EXÉRESE DE NEOPLASIA EM MEMBRO TORÁCICO DIREITO COM O USO DE RETALHO DE PADRÃO AXIAL PARA CORREÇÃO DO DEFEITO

Aparício Mendes de Quadros; Indaia Bizognin; Gisandra de Fátima Stangherlin; Bianca Silva Medeiros; Marco Augusto Machado Silva; Carolina Fagundes Vogel

Uma cadela da raça Pinscher, com dez anos e pesando 5,3 kg, foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo. A paciente apresentava aumento de volume em membro torácico direito há aproximadamente um ano, manifestando claudicação e algia local. Ao exame físico geral não foi constatada qualquer alteração, exceto a presença de nódulos mamários com 0,5 cm em M3 e M4 esquerda, também foi visualizada massa levemente aderida em região da articulação úmero-rádio-ulnar direita medindo cerca de 6x3x5 cm (altura, largura e comprimento, respectivamente). Os exames complementares hemograma, bioquímica sérica, radiografia de tórax e membro torácico e ecografia abdominal para pesquisa de metástase foram solicitados. Como alterações observou-se na ecografia fígado com dimensões preservadas, contorno irregular, parênquima heterogêneo, ecogenicidade mista, vasos e ductos hepáticos preservados sugerindo neoplasia. Os demais exames não demonstraram alterações significativas. A paciente foi encaminhada para exérese da massa tumoral no membro torácico direito. O tramadol foi administrado como medicação pré-anestésica. Para efetuar a venopunção, foi vaporizado isoflurano via máscara. Na sequência, a indução anestésica com diazepam e propofol, seguido da manutenção com isoflurano. Foi efetuada tricotomia na região dorsal e lateral direito e no membro torácico direito. Após a antisepsia do campo operatório, foi executada uma incisão elíptica em torno da massa com margem de segurança de 3 cm, dissecando a fim de removê-la. Como havia um defeito grande na região do cotovelo, optou-se pela realização de um flape toracodorsal, o qual foi medido e dissecado para cobrir o defeito. A sutura foi efetuada com pontos interrompidos simples (náilon 4-0), sobre a lesão e aproximação na pele na região dorsal. A massa foi encaminhada para a realização de exame histopatológico, no qual constatou-se tumor maligno da bainha de nervo periférico. Ao fim do procedimento foi obtida conseguiu-se a completa oclusão do defeito. Após três dias o paciente recebeu alta. No pós-operatório foram realizadas limpezas da ferida duas vezes ao dia com solução fisiológica. Foi administrado meloxicam durante três dias, antibioticoterapia à base de cefalexina durante dez dias, além de cloridrato de tramadol, durante três dias. No retorno após dez dias do procedimento cirúrgico, o flape estava viável, sem áreas de necrose, o paciente caminhava normalmente.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-266

FATORES ASSOCIADOS A GASTROENTERITE EM CÃES

Paula Fernanda de Souza Braga¹; Jocasta Rodrigues lasbeck ¹; Laerte Pereira de Almeida²

¹Médico Veterinário; ²Professor Doutor Faculdade de Medicina Veterinária-UFU

Entre as doenças intestinais que acometem cães e gatos, as gastroenterites causadas por vírus, bactérias e parasitos são frequentemente diagnosticadas, sendo a diarreia sanguinolenta, vômito, apatia, anorexia, dores abdominais e desidratação os seus principais sintomas. O animal com esse quadro deve receber tratamento imediato, evitando maiores complicações clínicas ou que o animal venha a óbito, principalmente no caso de animais jovens. Apesar da importância da gastroenterite na morbimortalidade de cães e de sua frequência na clínica médica, são escassos os estudos associando essa patologia a outros fatores de risco. O presente trabalho investigou a associação entre gastroenterite em cães com alguns fatores considerados de risco para essa doença. A partir de uma fonte de dados secundária, fichas clínicas de cães atendidos em um hospital veterinário, foram obtidos dados referentes a 154 cães com gastroenterite e 308 cães saudáveis, além de informações como: sexo, idade, raça, tipo de alimentação, sintomas e presença de contactantes doentes. Após a coleta, digitaram-se os dados para um banco de dados, criado através do software Epi Info 6.04. A análise univariada estimou as respectivas frequências das variáveis e a análise bivariada calculou os valores de *Odds Ratio* com intervalo de confiança igual a 95%. O teste do χ^2 (Qui-quadrado) foi usado para testar a hipótese de nulidade com alfa igual a 5%. Os resultados mostraram como principais sintomas da gastroenterites: hipoxemia (89%), vômito (68%), apatia (51%) e diarreia sanguinolenta (45%). Associaram-se positivamente ($P < 0,05$) a gastroenterite em cães, às seguintes variáveis: faixa etária menor que um ano e mudança brusca de alimentação. Concluiu-se que faixa etária e mudança de alimentação são fatores de risco para gastroenterite em cães.

Palavras-chave: gastroenterite; epidemiologia; fatores de risco

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-267

FENDA PALATINA EM FELINOS: RELATO DE CASO

Janalia Azevedo Faria¹; Nilza Dutra Alves²; Vanessa Kaliane Nunes da Costa²; Lucas Pereira de Alencar⁴; Raquel Garcia Machado Vianna³; Sthenia Santos Albano Amora²

¹Discente de pós-graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade – UFRSA; ²Docente da UFRSA; ³Discente do curso de medicina veterinária da UFRSA

O presente trabalho relata o caso de dois felinos recém-nascidos com fenda palatina. Foi atendido em uma clínica veterinária de Fortaleza-CE, uma gata com dificuldade no parto, após o exame clínico foi recomendado uma cesariana, onde a mesma pariu dois filhotes com desenvolvimento de fenda palatina. A partir do exame físico da cavidade oral desses filhotes verificou-se a presença de fenda palatina, e 24 horas depois de diagnosticada a enfermidade, esses neonatos vieram a óbito devido ao desenvolvimento de dificuldade de ingestão do alimento e ainda observou-se a desenvolvimento de pneumonia aspirativa. A fenda palatina, ou palatosquise, é um defeito da fusão longitudinal, de comprimento variável, que afeta o osso e a mucosa na linha média do palato duro. Esse defeito resulta numa fenda aberta entre as cavidades oral e nasal. A